

A arte na rua - Senhora da Saúde, Subidouro, Maia, Portugal

expressões religiosas e artísticas na preservação do património cultural local



Pedro Pereira

CAPP-ISCSP (Universidade de Lisboa) / IPVC
Clube UNESCO da Maia

Mário João Braga

CEMRI / Universidade Aberta

* Esta e-Exposição é uma versão traduzida e revista de um trabalho publicado na revista *Diálogos com a Arte – revista de arte, cultura e educação*, nº 6, 2016, pp. 221-230, com o título, "A ind of street art – Artistic and religious expressions in the preservation of the local cultural heritage (Maia)".

Silêncio.

A rua está deserta e nua, mas falta pouco para se encher de pessoas e flores.

O culto mariano é inegavelmente uma marca indelével do património cultural português, evidente nas quase mil invocações da Virgem, traduzidas na sua expressão arquitetónica em milhares de lugares de culto, atraindo milhões de crentes e turistas

(Aguiã, 1996; Almeida, 1979; Azevedo, 2001; Dias, 1987; Lima, 1997; Pereira, 2003; Pimentel, 1899; Reis 1967; Sanchis, 1977, 1992; Santa Maria, 1716; Santo, 1990). O Subidouro (Maia) é um dos mais de trezentos lugares onde todos os anos se realiza um ritual festivo dedicado à Senhora da Saúde.

Ancorado no trabalho de cariz antropológico desenvolvido sobre os lugares de culto à Senhora da Saúde em Portugal (Pereira, 2014-a, 2014-b, 2014-c, 2016), particularmente no Subidouro, o presente artigo recorre à *fotografia etnográfica* para retratar o dispositivo artístico a que os autóctones recorrem, para, através de práticas religiosas que encerram em si dinâmicas performativas e experienciais, contribuir para a preservação de um património cultural local.

Ainda que esta prática de culto se revista, evidentemente, de dimensões religiosas católicas, o ritual festivo encerra em si uma dinâmica performativa que convoca a comunidade para o desenvolvimento material, social e simbólico de práticas coletivas de cariz artístico, nomeadamente a construção de tapetes de flores e de um altar. Assim, por um lado, os *atores locais* recorrem a dinâmicas sociais para manter certos traços culturais identitários; por seu turno, o *público* participa numa experiência, sensorial e emotiva, multifacetada.

Ano após ano, crentes e turistas, autóctones e visitantes, alimentam a ativação da *memória coletiva* do lugar do Subidouro, e *encenam* a preservação do seu património cultural.

Na rua deserta restam apenas vestígios de flores, de odores, de emoções e a esperança de que para o ano tudo voltará a nascer das pedras.

Silêncio.

_____ A rua

SILÊNCIO



Silêncio.

A rua está deserta e nua, mas falta pouco para se encher de pessoas e flores.

QUEBRA O SILÊNCIO



A Fanfara de Gondomar quebra o silêncio, anunciando que o dia será de festa. Mais tarde, há de voltar anunciando que o dia será da Senhora da Saúde.

_____ A cruz

HOJE COMO HÁ CERCA DE CINQUENTA ANOS



Faltam alguns minutos para as nove da manhã. Um homem escava um buraco no lugar onde se há de aprumar uma cruz, hoje como há cerca de cinquenta anos.

UM HOMEM NÃO CHEGA PARA CARREGAR A CRUZ



Um homem não chega para carregar a cruz. A cruz é nova, mas o gesto é antigo, o caminho é breve. À frente vem o Zé, atrás o Victor. A rua separa-os, a rua une-os. De um lado, mora o Victor, neto do Francisco, do outro lado morou o Zé, genro do João. Entre o Francisco e o João separa-os a vida e a morte. O primeiro morreu há vinte anos, o segundo vive há setenta e oito anos.

DOIS HOMENS NÃO CHEGAM PARA APRUMAR A CRUZ



Dois homens não chegam para aprumar a cruz, faceada com uma das ruas da encruzilhada. Em seguida, outros dois observarão a cruz do fundo da rua, pela qual ela deve ficar alinhada, e chegarão outras pessoas, e outras sugestões de alinhamento.

CRISTO NAS MÃOS



Uma mulher traz um Cristo nas mãos para colocar na cruz.
Mais tarde, trará uma velha fotografia sua, vestida de branco.

CRISTO DE BRAÇOS ABERTOS



Um homem segura as pernas de um Cristo de braços abertos, até que ele fique preso à cruz.

_____ O altar

ESCADA DE TRÊS NÍVEIS NUM ALTAR



Algumas tábuas, umas soltas, outras presas por um ou outro prego, foram-se acomodando junto à cruz. Não tarda, adultos e crianças transformarão esta escada de três níveis num altar.

SOBRE UM CETIM AZUL CÉU

Algumas toalhas de renda branca, sobre um cetim azul céu, desenham os três níveis da estrutura de madeira que agora começam a ganhar dignidade de altar.



SOBRE O ALTAR E SOBRE OUTRA COISA AINDA



O altar começa a compor-se. Sobre o altar, *sobre outra coisa ainda*, um outro Cristo alinha-se com o outro corpo divino composto por uma mão humana.

PERFUMANDO O CROMÁTICO ALTAR

Rosas brancas, orquídeas rosa e também vermelhas, deitadas numa cama de fetos, debruçam-se nas jarras perfumando o cromático altar.



BRANCO NO BRANCO



Branco no branco, passado no presente. No segundo degrau do altar, ladeada por dois círios, equilibra-se uma velha fotografia a preto e branco de uma jovem vestida de branco à frente do altar, ontem como hoje, vestido de branco.

_____ As flores

CORAÇÃO DE PAPEL



Numa folha arrancada a um caderno, criam-se planos e intenções, esboçam-se linhas e códigos, desenham-se círculos dentro de círculos e no centro um coração de papel que, em breve, se encherá de flores.

CORAÇÃO DE FLORES



O coração de flores já está desenhado no chão. Agora, alinham-se as últimas flores do tempo, fechando-se um círculo, envolto noutro círculo ainda maior.

OS NOMES DAS FLORES



Gerbérias, cravinas, orquídeas, rosas, íris, jarros, frésias, coroas de rei, dalias, antúrios...

CAMINHO DOS ESQUADROS

O caminho dos esquadros leva-nos até ao coração de flores. Um esquadro é um molde sobre o qual não se inventam linhas nem formas, mas criam-se combinações de cores, texturas e odores. Em breve, os esquadros retiram-se, discretamente, deixando o caminho para as flores.



CAMINHO DAS FLORES



O caminho das flores abre-se a partir do eixo do coração de flores, guardado num círculo, e fecha-se com dois quadrados que antecipam outros cinco guardando a *saúde*. Duas cruzes em posições inversas junto ao coração de flores, dão um sentido ao caminho das flores.

SETE MENINAS



Sete cestos de flores, cor de rosa e brancas, aguardam nas mãos de sete meninas, vestidas de cor de rosa e branco, ordenadas pelo seu tamanho, que aguardam pelo andor da Senhora da Saúde.

PEQUENOS BOMBEIROS



Alguns pequenos bombeiros acomodam-se atrás da grade. Já não falta muito para chegar a procissão e repetirem, ano após ano, o mesmo sinal de continência, mas ainda dará tempo para repetirem, ano após ano, um breve lanche.

_____ A procissão

O TROTE DOS CAVALOS DA GUARDA



O trote dos cavalos da Guarda precede os sons da fanfarra, abrindo o caminho a longo séquito de religiosos, políticos, músicos, promitentes, crentes, andores e meninas vestidas de santas.

MENINAS VESTIDAS DE SENHORA DA SAÚDE



Meninas vestidas de Senhora da Saúde percorrem o chão de flores, ladeadas por adultos, e antecipam a chegada da Senhora da Saúde.

SENHORA DA SAÚDE CHEGA AO CORAÇÃO



Finalmente, o andor da Senhora da Saúde chega ao coração de flores. Uma ligeira vénia é suficiente para espoletar a sirene dos bombeiros e fazer soltar os foguetes, as pétalas de rosas das mãos das meninas, as pombas das gaiolas e lágrimas dos olhos de algumas crentes.

TODOS FLUEM DAS MARGENS PARA O LEITO



No fim da procissão, todos fluem das margens para o leito da rua, devotando com os pés e repetindo o caminho da Senhora da Saúde.

_____ A rua

SILÊNCIO



Na rua deserta restam apenas vestígios de flores, de odores, de emoções e a esperança de que para o ano tudo voltará a nascer das pedras.

Silêncio.

- AGUIÃ, Simão Pedro de – “A Imaculada Conceição Padroeira e Rainha de Portugal”. In *A Virgem Maria : Padroeira e Rainha de Portugal e de todos os povos de língua portuguesa*. Porto : Civilização, 1996. pp. 105-127.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – “O culto a Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna : perspectiva antropológica”. Separata da *Revista de História*, vol. II, 1979, pp. 1-19.
- AZEVEDO, Carlos Moreira – “Mariologia Portuguesa”. In AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. P-V-Apêndices, Lisboa : Círculo de Leitores, 2001, pp. 445-457.
- DIAS, Geraldo J. A. Coelho – “A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos”. In *Revista da Faculdade de Letras : História*, II, 04, 1987. pp. 227-256.
- LIMA, José Silva – “Santuários, lugares de peregrinação em Portugal”. In *Communio : Revista Internacional Católica*. Ano XIV, nº 4, 1997. p. 345-362.
- PEREIRA, Pedro – *Peregrinos : um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*. Lisboa : Piaget, 2003.
- PEREIRA, Pedro – “Em Busca da Saúde – o recurso à Senhora da Saúde como estratégia para lidar com a doença e para promover a saúde”. In *Revista Santuários*. Vol. 1, nº 1. 2014-a, pp. 222-226.
- PEREIRA, Pedro – “Uma imagem é uma imagem, mas... – O processo de humanização das imagens da Senhora da Saúde”. In *Revista Santuários*. Vol. 1, nº 2. 2014-b, pp. 171-175.
- PEREIRA, Pedro – “One image, one Virgin and one believer – proximity and change in the cult of Our Lady of Health”. In *Diálogos com a Arte – revista de arte, cultura e educação*, nº 4, 2014-c, pp. 57-60.
- PEREIRA, Pedro – *Aparição, doença e devoção: a emergência do culto à Senhora da Saúde em Portugal*, *Revista de Estudos Regionais*, II série, Nº 10, Viana do Castelo, 2016, pp. 171-179.
- PIMENTEL Alberto – *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*. Lisboa : Guimarães, Líbano & C.^a, 1899.
- REIS, Jacinto dos – *Invocações de Nossa Senhora em Portugal de Aquém e Além-mar e seu padroado*. Lisboa : Edição do autor, 1967.
- SANCHIS, Pierre – “Les Romarias portuguesas”. *Archives des sciences sociales des religions*, Année 1977, Volume 43, Numéro 1. pp. 53–76.
- SANCHIS, Pierre – *Arraial: Festa de um Povo : as romarias portuguesas*. Lisboa : Dom Quixote, 1992.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho – *Santuário Mariano : História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora*. Tomo V, Lisboa : Officina de António Pedrozo Galram, 1716.
- SANTO, Moisés Espírito – *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa : Assírio & Alvim, 1990.